

(Transcrição)

Genebra, 27 de outubro de 2002

**Chiara Lubich na celebração ecumênica na catedral de St. Pierre:
"A renovação que o carisma da unidade realiza nas Igrejas e na sociedade"**

(com tradução em francês)

Caríssimos irmãos e irmãs,

Que Jesus esteja entre nós! E isso é possível, pois foi Ele mesmo que prometeu: «Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome – para alguns Padres da Igreja, Jesus queria dizer: no meu amor –, eu estou no meio deles» (Mt 18,20). E aqui somos mais do que dois ou três.

No próximo dia 3 de novembro se celebrará, aqui em Genebra, o aniversário da Reforma, uma festa religiosa, e faço votos que seja rica dos melhores dons espirituais para todos os cristãos das Igrejas reformadas, meus amados irmãos e irmãs. Nesse dia, ouviremos ressoar com força a palavra: "reforma". Reforma é uma expressão que exprime o desejo de renovação, mudança e quase novo nascimento. É uma palavra especial, atraente, que significa vida, mais vida. É uma palavra que pode suscitar uma pergunta: o substantivo "reforma", o adjetivo "reformada", valem unicamente para a Igreja que tem o seu centro em Genebra? Ou são palavras que, de alguma forma, podem ser aplicadas a todas as Igrejas? Aliás, não são palavras típicas da Igreja de todos os tempos?

O decreto para o ecumenismo do Concílio Vaticano II declara: «A Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma contínua reforma, da qual, sendo uma instituição humana e terrena, precisa sempre»¹. E se observarmos bem a história da Igreja e, sobretudo, os anos em que nós, cristãos, ainda estávamos unidos, veremos que Jesus, com o Espírito Santo, sempre pensou, quis, orientou a sua Esposa para uma contínua reforma, solicitando a sua constante renovação. Por isso, Deus mandou à Terra, de tempos em tempos, dons, carismas do Espírito Santo que suscitaram correntes espirituais novas ou novas Famílias Religiosas e com elas ofereceram, por meio de homens e mulheres, o espetáculo de uma vida evangélica totalitária e radical.

O mesmo se dá nos nossos tempos, queridos irmãos e irmãs, por meio de diversos carismas, difundidos nas Igrejas, capazes de renová-las. Como exemplo, direi algo sobre o "carisma da unidade", que suscitou o Movimento dos Focolares. Esta realidade eclesial, embora tenha nascido numa Igreja, naquela católica romana, é formada por fiéis de mais de 350 Igrejas e comunidades eclesiais. O seu objetivo é colaborar na realização da unidade entre todos os cristãos e da fraternidade universal entre todos os homens e mulheres da terra. Os seus frutos abundantes, a sua expansão no mundo em 182 países e a sua consistência de cerca de 7 milhões de pessoas, de 91 línguas, dizem que até hoje, graças a Deus, tudo correu bem.

Não só. Este Movimento é extremamente atual. Podemos compreender isso analisando juntos a situação atual do nosso planeta. Todos sabemos que recentemente, em Johannesburgo, houve a Cúpula das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável, definido como "uma tomada de consciência"². Graças a ele, as terríveis cifras sobre a pobreza, que assola grande parte da humanidade, foram colocadas diante dos nossos olhos. Todos compreenderam que não é mais possível ficar impassíveis; é preciso que

¹ *Unitatis Redintegratio* 6.

² Cf. Discurso da Santa Sé na Assembleia Plenária do Vértice das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento sustentável – Johannesburgo 24. 8-4.9.02 in "L'Osservatore Romano", 4.9.2002, pág. 2;

nós e o mundo aprendamos a viver, considerando o desígnio de Deus sobre a humanidade: somos todos irmãos e irmãs, e somos uma única família.

(...)

Esta não é uma visão totalmente nova. Exponentes da história recente, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Madre Teresa de Calcutá, Dalai Lama e João Paulo II, já a propuseram e esperaram ardentemente que se realizasse. Mas é sobretudo Jesus que deseja a fraternidade universal, pois ele rezou assim: «Pai, que todos sejam um» (Cf. *Jo* 17,21). Falando de unidade, ele fala de fraternidade; que para nós, cristãos, pode e deve ser segundo o modelo da Trindade, de cuja vida podemos participar pelo batismo comum.

A unidade, a unidade, portanto, a fraternidade. Unidade e fraternidade que o carisma da unidade, do Movimento dos Focolares, está particularmente empenhado em realizar. O Movimento testemunha e ensina que, para viver a unidade, é preciso partir do amor anunciado no Evangelho, aquele amor radical tipicamente cristão. Aquele amor que, se for acolhido com atenção e diligência, e se for praticado pode dar uma grande esperança neste momento presente da história.

(...)

Quem o pratica no Movimento dos Focolares, por exemplo, experimenta que o amor é a força mais poderosa do mundo: desencadeia, ao redor de quem o vive, a pacífica revolução cristã, a ponto de podermos repetir, como cristãos, o que diziam no início os primeiros cristãos: «Somos de ontem e já estamos difundidos no mundo inteiro»³. A revolução cristã envolve não só o âmbito espiritual, mas também aquele humano, renovando cada uma de suas expressões: cultural, filosófica, política, econômica, educativa, científica, etc.

O amor! Quanto o mundo precisa de amor! E muito mais nós, cristãos! Todos juntos, das várias Igrejas, somos mais de um bilhão. Somos muitos e deveríamos ser bem visíveis. Mas infelizmente estamos tão divididos que muitos não nos veem, nem veem Jesus por meio da nossa vida. Ele disse que o mundo nos teria reconhecido como seus discípulos e, em nós, o teria reconhecido, pelo amor recíproco, pela unidade: «Nisso conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jo* 13,35).

O amor recíproco, a unidade deveria ser o nosso distintivo e o distintivo da Igreja de Cristo. Mas não mantivemos a plena comunhão visível e ela ainda não existe. Por isso, temos a convicção de que também as Igrejas devem se amar com este amor, e nos esforçamos para trabalhar nessa direção.

Quantas vezes as Igrejas parecem ter esquecido o Testamento de Jesus e escandalizaram, com as suas divisões, o mundo, que deviam conquistar para ele! De fato, se olharmos para a nossa história de 2000 anos e sobretudo aquela do segundo milênio, não podemos deixar de constatar que foi muitas vezes uma sucessão de incompreensões, de brigas, de lutas que rasgaram em várias partes a túnica sem costuras de Cristo, que é a sua Igreja. A culpa é das circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais, mas também do desaparecimento entre os cristãos do elemento unificante, tipicamente nosso: o amor. É por isso que agora, na tentativa de sanar hoje todo o mal que se fez e para ter novas forças para recomeçar, é necessário depositar toda a nossa confiança neste amor evangélico. Se difundirmos o amor e o amor recíproco entre as Igrejas, esse amor, mesmo na diversidade, fará com que cada Igreja seja um dom para a outra, como aspirava João Paulo II em um de seus livros: «É preciso – escreve – que o gênero humano atinja a unidade mediante a pluralidade, que aprenda a recolher-se na única Igreja, mesmo no pluralismo das formas de pensar e de agir, das culturas e das civilizações.»⁴

Caríssimos irmãos e irmãs. Já compreendemos: o tempo presente exige de cada um de nós o amor, a unidade, a comunhão, a solidariedade. Mas convida as Igrejas a recompor a unidade rompida há

³ TERTULLIANO, *Apologetico* 37,7.

⁴ João Paulo II, *Cruzando o limiar da esperança*, Milão, 1994.

séculos. É esta a Reforma das reformas que o Céu pede a nós. É o primeiro e necessário passo rumo à fraternidade universal, com toda a humanidade. O mundo, de fato, acreditará se nós estivermos unidos. Jesus disse: «Que todos sejam um (...) para que o mundo creia» (Cf. *Jo* 17,21). É isso que Deus quer! Acreditem no que digo! E o repete e grita com as circunstâncias presentes que Ele permite. Que Ele nos dê a graça de preparar essa realidade, ainda que não a vejamos realizada.